

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

ALBINO CAETANO DA SILVA PINTO. GRAVADOR (1859-1928).

PIMENTA, Belisário

Ano: 1949 | Número: 59

Como citar este documento:

PIMENTA, Belisário, Albino Caetano da Silva Pinto. Gravador (1859-1928). *Revista de Guimarães*, 59 (3-4) Jul.-Dez. 1949, p. 358-383.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Albino Caetano da Silva Pinto

Gravador em madeira. 1859-1928

Albino Caetano da Silva Pinto nasceu, aos 3 de Fevereiro de 1859, na vila de Miranda do Corvo, em uma casa fronteira à Ponte de Baixo, na esquina do caminho dos Barreiros. Era filho de Manuel Caetano da Silva, da mesma vila, de família vinda do vizinho lugar dos Bujos, e de D. Leonor Casimira, filha de José Pinto da Fonseca do lugar de Godinhela, ao sul da freguesia.

Aos 8 anos de idade veio para Coimbra onde o pai estabeleceu a modesta tipografia que fundara naquela vila em 1845 a seguir a tentativa, uns anos antes, de litografia que não dera grandes resultados (1).

Reveladas as tendências artísticas que aliás eram de família, foi discípulo de António Augusto Gonçalves que o encaminhou e incitou no caminho das Artes ao mesmo tempo que ia fazendo o curso regular dos Liceus como realmente fez.

Muito novo ainda, esteve em Lisboa a aperfeiçoar-se na gravura em madeira com o insigne João Pedroso; começara a dedicar-se a essa arte (que, para mais, se tornaria útil à casa tipográfica) com o modesto mas habilidoso canteiro conimbrigense Possidónio Alves da Silva Brandão que também se entregava à gravura, mas como amador de boa vontade;

(1) Cfr. o meu artigo *Uma litografia desconhecida* a pág. 145 e seguintes da *Miscelânea de estudos à Memória de Cláudio Basto*.

e, como tal, não ensinaria mais que rudimentos (1). Porém, com João Pedroso, a aprendizagem foi outra e as qualidades do discípulo foram tais que o mestre não só lhe votou dedicação de artista que compreende a missão do professorado, como também lhe votou amizade pessoal a ponto de lhe oferecer uma caixa de buris que até há pouco pertenceu aos herdeiros.

Dessa época passada em Lisboa vieram relações de amizade com os artistas gravadores Luciano Lallemant e João Maria Heitor e ainda com Manuel Diogo Neto e Caetano Alberto, além de outros artistas como Manuel de Macedo e Columbano, relações que se mantiveram afectuosas durante toda a vida principalmente com os dois primeiros.

Os seus planos, depois de completados os estudos superiores (pois contava formar-se na Faculdade de Filosofia Natural) eram ir até Paris estudar com os mestres de pintura da época e fazer um curso nas academias francesas. António Augusto Gonçalves que lhe encontrava « todos os predicados e qualidades raras fiadoras de triunfo » nesse ramo das Belas-Artes, muitas vezes o incitou « em exortações convictas » (2) e, na verdade, em família, foi tomada a decisão que correspondia à ânsia do artista.

Porém, a falta que fazia seu irmão Manuel, morto com 19 anos em 1869 e que fora educado para suceder ao pai na direcção da Tipografia, veio contrariar o plano e a vocação. A casa, então com o nome de *Typographia Auxiliar d'Escriptorio* afirmava-se e criava nome; a expansão dos seus impressos para repartições públicas e a boa e honesta administração dos serviços, prometiam engrandeci-

(1) Possidónio Brandão ficou pouco mais que desconhecido. Nos últimos anos de vida dedicou-se a modelar imagens de santos e abandonou a gravura e a pedra. Na Tipografia havia 4 gravuras suas: um S. Sebastião, um S. João Baptista, um S. Neutel (ou S. Felipe Neutel) e uma Senhora da Piedade; e creio que era sua uma S.^a da Boa Morte de que possuo a chapa. Serviam para registos de festividades e romarias.

(2) *Albino Caetano da Silva Pinto* artigo publicado a propósito da sua morte na *Arte e Arqueologia. Revista do Conselho de Arte e Arqueologia da 2.^o Circunscricção*, n.^o 1, pág. 62-63 (1930).

mento com lucros equivalentes. Albino Caetano da Silva vendo o pai que se orgulhava da obra empreendida, há uns 30 anos e tanto, com a modesta litografia, fundamente desgostoso pelos riscos de ela ir cair a mãos estranhas, resolveu, não sem luta íntima e bem dolorosa, renunciar aos seus sonhos de artista e ficar na casa paterna e tomar conta da empresa.

«Era a sujeição heroica às contrariedades da fatalidade!» Eram «os escrúpulos duma consciência honrada na abnegação e no respeito às sugestões do dever» comentou António Augusto Gonçalves, seu mestre e seu grande amigo ⁽¹⁾.

Contudo, na gerência da casa Tipográfica, não se limitou à monotonia constante da indústria; teve iniciativas de valor hoje quase esquecidas perante novos moldes de actividade, mas que na época marcaram seu lugar com merecimento.

Assim, em 1884, quando se organizou a Exposição Distrital como consequência do impulso dado às artes industriais pela *Escola Livre das Artes do Desenho* fundada pelo professor Gonçalves, organizou, dirigiu e fez editar pela tipografia, a *Revista Ilustrada da Exposição Distrital de Coimbra* hoje espécie bibliográfica de certa raridade, publicação digna de nota pela colaboração e pelo esmerado e artístico aspecto gráfico ⁽²⁾.

Publicou mais tarde, em 1889, o *Jornal para todos*, revista de vulgarização, ilustrada, de excelente colaboração e bela apresentação tipográfica que, devido a dificuldades administrativas, terminou no 13.º número.

Em 1894 imprimiu e editou o *Roteiro Ilustrado do Viajante em Coimbra*, elegante volume escrito por António Augusto Gonçalves que se ocultou com as iniciais L. R. D. e ilustrado com numerosas zinco-gravuras feitas sobre desenhos à pena do mesmo insigne professor e artista.

(1) Artigo cit.º

(2) Brito Aranha enganou-se ao escrever que Albino da Silva foi o autor da *Revista*; assim se depreende da notícia que dá no tomo XX do *Dicionário Bibliográfico* (13.º do Suplemento) a pág. 120 (na alínea 3837).

Ainda em 1900 conseguiu lançar a *Gazeta Ilustrada*, igualmente bem colaborada e ilustrada, mas que por motivos idênticos aos do *Jornal para todos* não passou do n.º 26.

Pensou, muito depois, e por várias vezes, até ao último período da vida, editar mais publicações de vulgarização literária, científica e artística — projectos que iam caindo perante várias espécies de dificuldades entre elas a de não encontrar director como desejava.

Mas houve outra forma de actividade como director (e dono desde 1892) da Tipografia: a impressão de obras de alguns dos nossos homens de letras, em edições perfectas, com novo aspecto artístico que hoje são raridades bibliográficas, cotadas muito alto no mercado, quando aparecem.



Albino Caetano da Silva Pinto

(Aos 20 anos)

Em 1887 imprimiu as poesias de António Fogaça (de quem era amigo pessoal e que então andava no 2.º ano de direito) com o título de *Versos da Mocidade (1883 a 1887)* com capa de António Augusto Gonçalves; e pensou em fazer nova edição em 1907, que seria prefaciada pelo Dr. Alberto de Oliveira (1).

(1) Chegou a ser anunciada nos jornais de Coimbra. Ver, por ex.º, *Resistência* de que era director o Dr. Teixeira de Carvalho, no n.º 1191 de 21 de Março de 1907. Seria a 3.ª edição pois a 2.ª saiu em 1903 (Porto).

Imprimiu depois algumas das primeiras obras de Eugénio de Castro (*Oaristos* em 1890; *Horas* em 1891 e *A Nereide de Harlem*, em 1896, ilustrada por Leopoldo Baptistini, obra que teve menção honrosa numa Exposição do Livro, se me não engano, de Amsterdam); de Alberto de Oliveira (*Poesias* em 1891 e *Palavras Loucas* em 1894); de Manuel da Silva Gaio (*Poesias* em 1892 e *Pecado Antigo* em 1893); de António de Oliveira Soares (*Azul* em 1890 e *Paraíso Perdido* em 1893); de Fausto Guedes Teixeira (*Os Naufragos*, em 1892) e é possível que de mais algum homem de letras de que me não é possível lembrar.

O aspecto gráfico, quase novidade, destas obras, na maioria editadas pelo livreiro França Amado, de Coimbra, despertou curiosidade e não deixou de ter influência em futuras edições.

Mais tarde, em 1912, imprimiu à sua custa em elegante fólio de papel de linho numerado a *Acta da sessão realizada na Escola Livre das Artes do Desenho em 19 de Dezembro* em homenagem a António Augusto Gonçalves; e ainda no mesmo ano o volume de versos *Na Torre da Ilusão* de Alfredo Pimenta, editado por França Amado, com capa da-quele notável professor.

A opinião de Albino da Silva era pedida vulgarmente; e de muitos casos me lembro em que o seu conselho foi ouvido e acatado com proveito e até na difícil arte de imprimir gravuras no que era sem dúvida competente e perfeito. Em tudo se revelava o artista que, embora não realizasse as suas aspirações de moço, nunca deixava de as aplicar nas mínimas cousas em que intervinha. E essas suas aspirações, embora calcadas, foram sempre o estímulo para uma auto-educação artística e para cultura de carácter geral em elevado grau.

Só o seu feitio ferozmente avesso a exteriorizações fazia com que essa vasta e sólida cultura especialmente no campo das Artes, não fosse conhecida até por pessoas que com ele se davam.

Paralelamente à sua vida de industrial, manteve sempre certa actividade em iniciativas de valor como em 1878, a da *Escola Livre das Artes do Desenho*

em que foi grande auxiliar do seu fundador e animador António Augusto Gonçalves.

Mais tarde, muito mais tarde, sugeriu ao dr. Francisco José Fernandes Costa, advogado em Coimbra, a fundação dum organismo de defesa e propaganda da cidade; andou muito tempo em discussão entre os dois até que em Maio de 1909, já com o projecto de estatutos feito por aquele distinto causídico, se convocou uma reunião pública no teatro a que presidiu o professor de Medicina Dr. Manuel da Costa Alemão na qual se lançaram os fundamentos do organismo que se ficou chamando *Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra* a cuja primeira direcção presidiu o professor de Direito Dr. Manuel Dias da Silva. Pode dizer-se, sem receios de erro (porque acompanhei todas essas diligências) que a S. D. P. de C. se deve inicialmente a Albino Caetano da Silva que, persistentemente mas sem querer aparecer, soube escolher os colaboradores capazes, pelo seu prestígio pessoal, de assegurarem o êxito do empreendimento.

Organizada a instituição e, devido ainda à iniciativa de Albino da Silva, lançou-se uma revista mensal *Coimbra Pitoresca* cujo 1.º número saiu em Março de 1910 com valiosa colaboração e muito ilustrada; dificuldades financeiras fizeram com que saíssem só seis números. Mas a iniciativa de A. da S. não ficou só nesta publicação que era dedicado apenas à propaganda da cidade; numa assembleia geral de começos de 1910 apresentou o projecto doutra revista que se chamaria *Conimbriga*, destinada ao «estudo, exame e ponderação dos factos de arte ligados ao solo conimbricense» e onde fossem «suscitados e debatidos todos os empreendimentos que digam respeito à cultura, economia e prestígio da cidade» conforme palavras de notícia da época (1).

Esta revista não passou do projecto, aliás bem elaborado (2).

(1) No n.º 1 da *Coimbra Pitoresca*, a pág. 5.

(2) Não confundir com a revista *Conimbriga*, que saiu em 1923; revista mensal «de arte, letras, ciências e crítica» e não passou do 1.º número. Cfr. A. Carneiro da Silva: *Jornais e revistas do Distrito de Coimbra*.

Teve também a iniciativa interessante de publicar, aí por 1894 ou 1895, uma série de bilhetes postais ilustrados (que então eram novidade) com a frente desenhada por António A. Gonçalves em quatro zincogravuras diferentes, curiosas pelos assuntos e pelo arranjo da ornamentação, e o lado da correspondência com as gravuras do *Roteiro Ilustrado*.

Quanto à sua vida pública direi que foi apagada mercê da sua modéstia difícil de modificar. Foi vogal, quase desde a sua instituição, do Tribunal dos Árbitros Avindores onde a sua acção de tolerância e ponderação se fazia sentir. Foi vogal fundador do Conselho de Arte e Arqueologia da 2.^a Circunscrição onde era assíduo e valioso colaborador.

Democrata sincero desde sempre, foi vereador da primeira Vereação republicana nomeada em Outubro de 1910, presidida por Sidónio Pais e depois por António Augusto Gonçalves. E em 1913, exerceu o cargo de Governador Civil substituto de Coimbra em período de certo melindre político. Quer num quer noutro cargo foi sempre o colaborador atento, discreto e empreendedor; e foi ele quem, como vereador da Câmara propôs, logo na sessão de 27 de Outubro, a criação duma biblioteca pública municipal e procurou «afanosamente alcançar livros por oferta» (1).

Em tudo a sua acção foi compreensiva; não teria um temperamento tenaz e mesmo assim era prejudicado por «modéstia excessiva» que o levava a «não sair da obscuridade na completa renúncia de todas as vaidades da notoriedade» como afirmou com justiça o seu amigo e primeiro orientador artístico (2);

(1) Cfr. *Biblioteca Municipal de Coimbra. Vinte anos de actividade (1922-1942)*, separata do vol. VIII do *Arquivo Coimbrão*, a pág. 8. Não foi ele o culpado de a biblioteca só ter verdadeira realização em 1922.

(2) António A. Gonçalves: artigo cit. O velho jornalista Joaquim Martins de Carvalho ao noticiar no seu *Conimbricense*, o aparecimento de *A Lucerna*, em 1878 cujo cabeçalho foi gravado por A. da Silva, referia-se à sua «modéstia não vulgar» e pouco depois no *Jornal dos Artistas*, ao aludir-se a uma gravura publicada no n.º 8, a direcção, em nota, acentua a «sua modéstia pouco vulgar». Etc.

mas a sua capacidade de compreensão e de empenhamento era grande e se nem sempre alcançou o êxito devido foi porque não o quiseram as deficiências do ambiente pouco próprio para iniciativas culturais que não tivessem chancela universitária, e certas más vontades de espíritos pequenos.

Mas se quisermos ser justos, neste tempo de materialidade e de renúncia a todas as boas normas de compostura moral, teremos de afirmar como Gonçalves afirmou, talvez ainda impressionado com a morte do amigo mas dentro de critério de justiça, que « não se trata duma entidade vulgar » (1).

Morreu ainda relativamente novo, em Coimbra, aos 22 de Maio de 1928.

*

É o catálogo das suas gravuras que desejo deixar para que se não perca, de todo, o nome de um artista e se possam identificar, no futuro, os seus trabalhos em madeira.

Ilustrou o livro de António Augusto Gonçalves *O Assassino d'El-Rei* com capa e três gravuras desenhadas pelo autor; ilustrou o opúsculo de António Francisco Barata *Quadros Históricos. I. A Tomada de Ceuta* (1877) com a capa e uma gravura; ilustrou também os dois anos do *Almanach Auxiliar de Escri-tório ornado com gravuras* (1874 e 1875), repositório de grande número delas; fez o cabeçalho da revista *A Vespa* em 1877 e de *A Lucerna* em 1878, etc.

Dos seus começos poucas são as gravuras conhecidas; te-las-ia destruído ou aplicado a madeira para outras como ainda vi nalgumas; mas nas que consegui juntar e identificar vê-se em quase todas grande firmeza de traço, certo rigor na escolha dos buris e boa interpretação do desenho.

Tinha, na verdade, decidida aptidão; e pena foi que as circunstâncias apontadas acima o desviassem duma aplicação maior a esta arte em que afinal ficou desconhecido.

(1) Ibidem.

No catálogo que segue não sei se ficarão todas relacionadas; com a venda da Tipografia e dispersão do seu material perder-se-iam algumas; mas eu creio que poucas deverão faltar.

Pela minha parte, é um dever deixar escritas as notas que se leram e a relação que vai seguir. Fiquei devendo a Albino da Silva (que era meu tio materno) muito da formação da minha mentalidade; orientou-me em certos passos da vida; e até, nos meus onze e doze anos, me ensinou a gravar em madeira, ensino que não foi muito adiante mas que ainda deu alguns frutos patentes num ou noutro livro da época e nesta ou naquela publicação.

Por tudo e ainda como elemento para a história da gravura em Portugal, que felizmente se está agora a fazer com seriedade, aqui deixo as notas e o catálogo; e se posso parecer suspeito, fique como desculpa a dívida moral que não cheguei a pagar.

Catálogo

1—Fachada do prédio n.º 11 da Praça do Comércio em Coimbra, onde esteve instalada a *Tipografia Auxiliar de Escriptorio*, vista do sul. Mede $0,074 \times 0,152$, sem indicação do desenhista que julgo ter sido o próprio gravador. Parece-me que foi feita para ilustrar o *Almanach Auxiliar de Escriptorio ornado com gravuras para o anno, de 1874* (1); impressa na capa, página posterior.

2—*Rainha Santa Isabel*. Grupo formado pela rainha com um mendigo ajoelhado; alusão ao milagre das rosas. Mede $0,104 \times 0,144$. Não tem indicação do desenhista mas o gravador assinou *Silva*. Creio que apareceu primeiro numa folha, impressa em 1873, na Tipografia de Manuel Caetano da

(1) Folheto de 35 págs. com capa de papel de cor; $0,157 \times 0,224$; da Tipografia, 1873.

Silva, com o título: *Vida, morte e milagres da Rainha Santa Isabel*. Depois serviu para várias publicações. O desenho é, presumivelmente, de um artista da época, Francisco António dos Santos (por alcunha o *Sardinheiro*) que foi, principalmente, cantor de habilidade e santeiro.

3 — *A Primavera*. Gravura colocada na parte superior da pág. 5 do *Almanach Auxiliár de Escri-tório* para 1874, já citado, correspondente ao calendário dos meses de Janeiro a Março. Representa um jardim onde brincam crianças. Mede $0,096 \times 0,062$. Não há indicação do desenhista mas um «S.» autentica o gravador.

4 — *Estio*. Gravura que, como a anterior, vem no cit.º *Almanach* a pág. 6, correspondente ao calendário dos meses de Abril a Junho. Mede $0,100 \times 0,060$ e representa um pequeno prado onde pastam bois e cavalos guardados por um pastor. Como a anterior somente um «S.» indica o gravador.

5 — *Outono*. Gravura correspondente ao calendário dos meses de Julho a Setembro, na pág. 7 do cit.º *Almanach*. Apresenta um grupo de caçadores com cães. Mede $0,096 \times 0,060$ e tem a assinatura *Silva* do gravador.

6 — *Inverno*. Gravura a pág. 8 do dito *Almanach* correspondente ao calendário dos meses de Outubro a Dezembro. Representa uma sala de mesa onde família numerosa parece tomar chá. Mede $0,100 \times 0,060$ e tem a mesma assinatura *Silva*. O desenho destas quatro gravuras devia ser de António Augusto Gonçalves.

7 a 11 — Pequenas gravuras que não excedem a medida de $0,065 \times 0,055$ feitas para ilustrar o cit.º *Almanach* para 1874. Vêm a pág. 11 (duas), 14, 17 e 18, todas com intenção caricatural e algumas (como as da pág. 11 e a da pág. 17) alusões intencionais ao médico do partido de Miranda do Corvo, dr. José Leal de Gouveia Pinto, que nessa altura andava em demanda judicial muito acesa com o dono da Tipografia. Foram todas desenhadas, segundo ouvi contar, por António Augusto Gonçalves em horas feridas passadas despreocupadamente.

na sala da Tipografia. Estas gravuras foram muito aproveitadas para várias publicações da casa como o *Almanach de Curiosidades* para 1891, o *Auxiliar de Escritório*, nova série de 1897-1898, a *Folhinha Zambujense para o ano de 1900*, etc. além doutras publicações de Coimbra que solicitavam o empréstimo.

12—*Ao cair da tarde*. Gravura datada de 1874 no canto inferior esquerdo, sem indicação do desenhista, mas assinado por *Silva*. Mede $0,127 \times 0,172$.



Caricatura N.º 7 do Catálogo

Um rapaz, de cabelos compridos e anelados, boina na cabeça, sentado num rochedo, com arcismador, parece surpreso com qualquer cousa; ao longe uns vagos telhados ponteados e um horizonte de pôr de sol. Ignoro para que foi destinada. Veio publicada no *Jornal para todos*, de Coimbra (editado pela casa tipográfica do autor) no n.º 10, de 7 de Setembro de 1889, a pág. 77,

acompanhada duma poesia com duas quadras assinada pelas iniciais L. R. (Francisco Bastos, estudante, ao tempo, de direito, amigo do autor). Composição interessante e trabalho de gravador de certa correcção.

13—*O Cigano*. A meio dum caminho orlado de cactos, há um rapaz que caminha, com a mão esquerda metida na cinta e com um cajado na mão direita; na cabeça o chapéu redondo à napolitana. Mede $0,084 \times 0,109$. Desenho de AMP, iniciais de António Maria Pimenta, cunhado do gravador; este não assinou. Saiu no *Almanach Auxiliar*

de *Escriptorio para o anno de 1875* (2.º ano) (1) a pág. 17, acompanhada de um artigo sobre *Os ciganos* que julgo ser do desenhador.

14—*Cena da Inquisição*. Gravura de 0,086X0,072 sem indicação de desenhista ou gravador. O desenho, porém, é de António Augusto Gonçalves que tinha predilecções por estas cenas. Vem a pág. 27 do *Almanach* cit.º no § anterior, acompanhada de pequena notícia assinada por L. R. de Almeida, pseudónimo de que se servia muitas vezes o desenhista (2). Representa com mais ou menos fantasia a tortura do potro, com um inquisitor a presidir e três vultos encapuzados à volta.

15 a 23—*História duns amores exóticos*. Nove gravuras que acompanham uma historieta cómica publicada no cit.º *Almanach* para 1875, a pág. 49-57. Em média, as gravuras têm as dimensões de 0,081 X 0,072 e só a última traz um «G.» que denuncia o desenhista António A. Gonçalves que empregou certo exagero caricatural. Gravuras sem grandes preocupações.

24 a 27 — *Apontamentos para a história das músicas*. Quatro gravuras que, em média, têm de dimensões 0,086 X 0,102, desenhadas pelo então estudante Augusto Barbosa amigo do gravador (que depois foi engenheiro de minas pela escola do Hanover); estão assinadas com «A B» no fundo esquerdo de cada uma. As gravuras representam o *Género alemão*, o *Sentimento italiano*, a *Fantasia francesa* e a *Especialidade nacional* que é o fado, é claro. Estão a pág. 81-84 do cit.º volume do *Almanach* para 1875 e não têm assinatura do gravador. São muito curiosas.

28—*Enigma pitoresca*. Gravura de 0,076X0,050 a pág. 116 do mesmo volume do *Almanach* para 1875.

(1) Vol. de 156 pág., de 0,106 X 0,156 com capa de papel de cor, publicado pela Tipografia em 1874, com grande número de páginas ocupado por catálogo de impressos.

(2) Ver *Tentativa de Bibliografia de Mestre António Augusto Gonçalves insigne escritor e artista conimbrigense* por A. G. da Rocha Madahil, a pág. 22-23, onde vem a explicação do pseudónimo.

- Desenho de Augusto Barbosa supra citado que assinou com «A.B.» no fundo esquerdo; não tem assinatura do gravador. O enigma traduz-se por «Mais vale ser independente e magro do que preso e gordo.»

29 a 40 — Os meses do ano: doze pequenas gravuras em média de $0,062 \times 0,042$, alusivas a cada mês, para acompanharem os respectivos calendários. Assim, por ex.^o: em Janeiro uma cena de temporal, em Fevereiro uma dança de mascarados, em Março uma igreja onde um padre faz um sermão, etc., etc. Não têm assinaturas mas o desenho é evidentemente de António A. Gonçalves. Estão a pág 5 a 16 do cit.^o *Almanach* para 1875. Género caricatura, muito curiosas.

41 a 48 — Oito gravuras no género das mencionadas atrás nos n.^{os} 7-11. Média do tamanho $0,065 \times 0,055$ e destinadas ao dito *Almanach* para o ano de 1875 para acompanhar umas historietas ou anedotas. Vêm a págs. 22, 37, 42, 46, 70, 78, 87 e 106; esta última ilustra uma historieta alusiva ao médico mirandense dr. José Leal já atrás mencionado. Foram também utilizadas depois em outras publicações.

49 — Gravura de $0,048 \times 0,045$, no género das mencionadas atrás. Como as anteriores desenho de A. A. Gonçalves. Representa um homem em atitude de espanto perante a leitura de qualquer notícia que uma mulher, em frente, está fazendo. Não sei para que publicação da época foi feita, mas foi utilizada depois como as outras em várias publicações.

50 — Capa do romance *O Assassino d'El-Rey* de António Augusto Gonçalves (1). Mede $0,102 \times 0,163$ Desenho do autor do romance que assinou com «Glz.» no fundo esquerdo. O gravador assinou com «Silva». Numa arcada, um frade de punhal na mão direita e em atitude teatral brada para o espaço com o braço esquerdo estendido, junto do corpo de mulher, no chão, morta. É a cena do romance a pág. 136-141. Ao fundo uma arcaria e o

(1) Volume in-8.^o gr. de 302 pág. Coimbra, 1876. Tipografia de M. C. da Silva.

sol iluminando fortemente a cena. Impressão sobre papel encorpado, ligeiramente cinzento; entre o antero-rosto repete-se a gravura em papel branco.

51 — «Eu estava prestes para a briga se a brigar fosse obrigado.» Gravura que ilustra o romance *O Assassino d'El-Rey* a pág. 56-57. Mede 0,085x0,123. Desenho do autor do romance que assinou com o costumado «Glz» no fundo esquerdo. O gravador assinou com «Silva». Gravura impressa fora do texto. Um cavaleiro de espada desembainhada abraça, em atitude protectora, uma mulher vestida de branco; no escuro, além duma esquina, divisa-se um grupo de homens armados. Mais tarde veio publicada a pág. 17 do *Almanach de Curiosidades para 1891*, já cit.^o, para ilustrar um romance tradicional «De suas varandas altas / O Conde estava a mirar...»

52 — «Tu és talvez um vilão, sem honra nem consciência.» Gravura que ilustra o mesmo romance a pág. 130-131. Desenho do autor do romance que assinou «Glz». O gravador assinou com o «Silva» do costume. Mede 0,085x0,125. Impressão também fora do texto. Dois frades, um em pé outro ajoelhado, discutem; como fundo, uma parede onde há uma porta de que se vê só metade, com capitel românico.

53 — «Afinal, um grito rouco e doloroso se ouviu.» Gravura que ilustra o mesmo romance a pág. 288-289. Desenho do autor do romance que assinou, do mesmo modo, com «Glz». Mede 0,122x0,080 e está impressa, como as outras, fora do texto. O gravador deixou o mesmo «Silva» no fundo direito. Combate entre dois cavaleiros medievais, no qual um deles está quase derrubado pelo outro. Quadro com certo movimento. Veio mais tarde publicada no *Jornal para todos* (n.^o 9, de 31 de Agosto de 1889) com o título *Combate singular*, a ilustrar um artigo com o mesmo nome. Nesta impressão não aparece o nome do gravador que foi raspado como facilmente se verifica.

54 — Gravura que creio não foi publicada e mede 0,064x0,122. Assinada por «Glz» e por «Silva». Devia ser destinada ao romance *O Assassino d'El-rey* e certamente para ilustrar a cena des-

crita a pág. 132: dois frades, um ajoelhado quase na mesma atitude do da gravura n.º 52, outro em pé, quase de costas que segura um vaso de partículas sagradas com a mão esquerda e com a direita levanta uma hóstia sagrada para o juramento. O fundo é mais interessante talvez que o da outra: uma parede onde, em mísula pequena, se vê uma imagem por baixo duma arcada; à direita, em cima, a parte superior de um gradeamento mal distinto. Possivelmente, por certas imperfeições, foi posta de lado e não publicada. Actualmente, a madeira abriu, exactamente na altura da cabeça do frade ajoelhado.

55 — Gravura de $0,035 \times 0,046$ cujo destino desconheço. Representa um arco por onde sai um frade encapuzado, de braços abertos. O fundo muito iluminado. Seria destinado ao *Assassino d'El-Rey*? O desenho, embora sem assinatura, vê-se que é de A. A. Gonçalves. Foi publicada no cit.º *Almanach de Curiosidades*, a pág. 36, junto dum soneto *Sonâmbulo* do estudante já cit.º Francisco Bastos que usou o pseudónimo de B. de Mendonça.

56 — O mesmo assunto da gravura antecedente, embora tratado de maneira um pouco diversa. O frade é visto também de costas mas obliquamente, assim como o arco. Mede $0,034 \times 0,046$. Sem assinaturas mas dos mesmos autores. Seria destinada como a anterior ao romance?

57 — Ainda quase o mesmo assunto das anteriores: um frade, com punhal na mão, em atitude de quem vai, nervosamente, subir uma escada de que se vêem os primeiros degraus. Assinatura do desenhista com o costumado «Glz»; tem, também, o *Silva* do gravador. Mede $0,061 \times 0,083$. Muito curiosa pelo desenho e pela própria gravura; e é de crer que seria destinada ao romance *O Assassino d'El-Rey* certamente para ilustrar a cena da pág. 194-195, do cap. XI.

58 — Gravura de $0,055 \times 0,023$ cujo destino ignoro. Representa, emblematicamente, uma lanterna, um livro, uma espada, um púcaro, um rolo de papel e talvez uns maços de moedas. Sem assinaturas. Desenho, porém, de A. A. Gonçalves. Veio publicada no cit.º *Almanach de Curiosidades para 1891*,

a pág. 28, por baixo dum soneto *Os dois Infantes a que adiante se fará referência no n.º 73.*

59 — Outra gravura emblemática de $0,061 \times 0,021$ cujo destino também ignoro. Vê-se, como motivo central um elmo emplumado; por detrás uma alabarda e cruzadas uma espada e uma maça de armas Sem assinaturas; desenho, porém de A. A. Gonçalves.

60 — Mais outra de idêntico tamanho ($0,064 \times 0,024$) e sentido emblemático. Um cepo de madeira com uma argola ocupa o centro do conjunto; há uma alabarda caída e um punhal que parece enterrado no cepo; uma caveira, uma máscara, um facho, uma alga aberta e um corvo esvoaçando. Desenho evidente de A. A. Gonçalves; os motivos são os predilectos do artista. Ignoro o destino da gravura como das anteriores; quero, porém, julgar que estas 3 gravuras teriam a intenção de servir para final dos capítulos de *O Assassino d'El-Rey*, intenção posta de lado para maior sobriedade do aspecto da obra.

61 — *Tabella Auxiliar d'Escriptorio*. Capa para catálogo de impressos de casa. Mede $0,100 \times 0,162$. Muito curiosa pela concepção e ainda pela execução. Em cima, um homem com chapéu emplumado e em-



Gravura n.º 57 do Catálogo

punhando uma enorme pena de pato, parece correr, levando às costas uma grande pasta com papéis à laia de mochila; em baixo uma alegoria de oficina de impressão, com um prelo a trabalhar e dois indivíduos a lerem uma folha; a meio, de um e outro lado, pequenos quadros alusivos a repartições; ao centro, um espaço em branco para o ano ou qualquer outra indicação. Desenho de A. A. Gonçalves que assinou com «Glz.»; o gravador assinou com «Silva». Julgo ser feita para a *Tabella Auxiliar d'Escriptorio do Deposito de Impressos de Manuel Caetano da Silva* do ano de 1876 ⁽¹⁾, e parece que não voltou a ser usada possivelmente pelo aspecto caricatural que apresentava. Foi talvez substituída pela mencionada a seguir.

62 — Tabela de preços da Tipografia Auxiliar de Escriório. Capa para catálogo dos impressos da casa com as seguintes palavras gravadas: em cima *Tabella*; ao centro, envolvido em circunferência dentro da qual se vê um prélo de impressão, o nome do proprietário: *M. Caetano da Silva*; aos lados da circunferência, em fitas que a prendem a hastes que fazem moldura ao conjunto, há as palavras: *Auxiliar — De Escriptorio — Deposito de Impressos*. Por cima e por baixo da circunferência, a movimentar o conjunto, há nove anjinhos, uns com livros, outros escrevendo e um com palheta e pincéis. Mede 0,080×0,137. Assinada pelo desenhista com o conhecido «Glz.» e pelo gravador com «Silva». Serviu pela primeira vez na capa da *Tabella* de preços para o ano de 1877 ⁽²⁾ e em outras nos anos seguintes e apareceu ainda, mas com as assinaturas tiradas bem como o ano de 1877, no fundo da gravura, substituído por a frase «3.^a Parte» em tipo vulgar de imprensa, em *O Auxiliar d'Escriptorio. Jornal offerecido ás repartições publicas e escriptorios particulares*, órgão de publicidade da casa, no n.º 30 (de Dezembro de 1881) e seguintes.

(1) Folheto in-8.º gr. de 32-4 pág. impresso na própria casa

(2) Folheto in-8.º gr. de 38-2 pág. com capa de pape de cor, impresso na própria Tipografia.

Depois o gravador tirou-lhe a palavra *Tabella* e ornatos correspondentes bem como os ornatos da parte inferior e deixou apenas tracejados para disfarce; assim ficou a gravura cuja chapa está na Tipografia Lousanense.

63 — Capa do opúsculo de António Francisco Barata: *Quadros Históricos: I. A Tomada de Ceuta*. Mede 0,099×0,164. Desenho de António A. Gonçalves que assinou com «Glz.». O gravador assinou «Silva». Conjunto curioso de livros, armaduras, espadas, béstas, etc. junto de uma cruz sobre a qual paira uma alegoria da Glória (?) representada por uma mulher alada que empunha na mão direita uma espada e na esquerda uma bandeira. Ao fundo, o contorno vago dum as torres que se destacam sobre um luar meio encoberto. A capa do opúsculo é em papel cinzento; entre o rosto e ante-rosto e fóra do texto, está a mesma gravura impressa em branco. O título de *Quadros Históricos* está gravado em letras historiadas.

64 — *D. João I*. Em oval, busto três quartos à direita para onde olha; coroadado, com barba preta comprida, vestido com armadura e o cetro na mão direita. A oval está encimada por um elmo e guardada, de cada lado, por um menino nu, mas de capacete na cabeça; um deles, o da esquerda empunha uma espada curta, o outro um facho e ambos têm, por detrás, uma bandeira desfraldada. Em baixo, um envasamento sobre o qual, à esquerda, está um leão deitado e à direita uma mistura simbólica de armas, cetro, balança e ramos de loiro. Mede 0,105×0,165 e está entre pág. 8-9, impressa fora do texto, do opúsculo supra cit.^o de António Francisco Barata. Desenho de A. A. Gonçalves que assinou com o costumado «Glz» com traço curvo por cima; o gravador, no fundo direito, assinou com «Silva». Por baixo da gravura vem a indicação «Coimbra. Typ. de M. C. da Silva». Veio depois publicada no *Jornal para todos*, de Coimbra, no n.º 11, de 14 de Setembro de 1889, na 1.ª pág., mas já com a assinatura do gravador disfarçada por traços que a apagam por completo. Acompanha-a um artigo assinado com as iniciais L. R. do

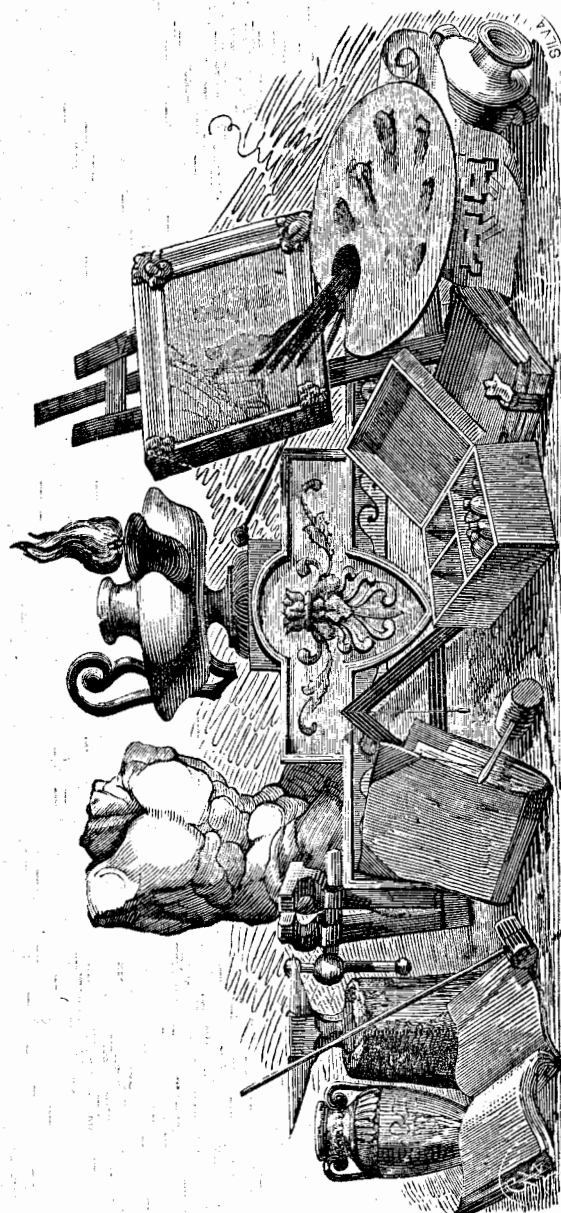
estudante brasileiro Francisco Basto, já atrás falado (1).

65 — *A Vespa. Jornal humorístico* (2). Cabeçalho desenhado pelo estudante do 2.º ano de Direito José Lopes Godinho de Faria, o caricaturista da publicação que assinou com a abreviatura « God ». Gravura de $0,157 \times 0,195$, medidas tomadas nas suas maiores dimensões; tem, porém, disposição em ângulo, com parte superior que abrange a largura da página ($0,157 \times 0,058$) e outra parte, do lado esquerdo, quase até ao fundo da página ($0,026 \times 0,195$); o título está todo na parte superior da gravura, em curva, e tem por baixo o sub-título, também gravado, em letras historiadas. A palavra *Vespa* está sobre um globo e por toda a gravura há várias figuras caricaturiais de mistura com vespas maiores ou menores. Trabalho de gravura correcto; o gravador assinou « Silva » no fundo e ao alto.

66 — *A Lucerna. Folha quinzenal especialmente destinada às oficinas, às artes e aos artistas de Coimbra*. Cabeçalho desenhado por A. A. Gonçalves para a publicação. Mede $0,159 \times 0,080$. Conjunto muito interessante de instrumentos de trabalho, um torso de homem, livros, um quadro, palheta com pincéis; no centro, dominando, uma lucerna com chama acesa. Ilustrou todos os números da revista cujo 1.º número saiu aos 15 de Janeiro e o último, o n.º 6, em 1 de Abril de 1878. Mais tarde o gravador tirou-lhe o nome da publicação e ficaram apenas os emblemas das artes e ofícios por sinal que em belo conjunto artístico. As assinaturas são as do

(1) Este retrato vem mencionado no *Dicionário de Iconografia Portuguesa* de Ernesto Soares & Henrique Ferreira Lima, vol. II, pág. 187. Aos dois meninos nus o Dicionário chama-lhes « o Valor e o Entusiasmo guerreiro ».

(2) Era semanário. O 1.º número saiu aos 4 de Março e o n.º 12, último, aos 4 de Junho de 1877. Embora não haja nomes de directores ou editores no cabeçalho, o jornal era dirigido por José de Azevedo Castelo Branco, então no 4.º ano de Medicina, e colaborado, entre outros, por José Maria Barbosa de Magalhães, Vicente Pinheiro de Melo, Eduardo Burnay, etc. Possui a colecção completa, hoje creio que espécie bastante rara.



Cabeçalho da revista «A Lucerna»
(N.º 66 do Catálogo)

costume: «Glz» com traço curvo por cima, no fundo esquerdo e «Silva» com traço curvo por baixo no fundo direito.

67 — *Joaquim Martins de Carvalho*. Retrato desenhado por A. A. Gonçalves que assinou com «Glz». O gravador assinou com «A Silva». Busto de três quartos à direita para onde olha; barba à «passa piolho», gravata de laço preto. Publicado no *Jornal dos Artistas*, de Coimbra, n.º 8, de 1 de Janeiro de 1879, que, no fim da 4.ª página, insere nota com título *Artistas de mérito* relativa aos autores da gravura. Mede $0,080 \times 0,111$. Houve separata em folha de $0,225 \times 0,334$ de que possuo um exemplar. Não vem mencionada no *Dicionário de Iconografia Portuguesa*.

68 — Emblema da *Escola Livre das Artes do Desenho*. Gravura de $0,060 \times 0,045$ sem qualquer assinatura; desenhada, porém, por A. A. Gonçalves. Creio ter aparecido, pela primeira vez, nos *Estatutos* da Escola em 1880 (1) e depois em publicações e no papel de correspondência da mesma escola de que possuo algumas espécies. Mais tarde, talvez porque a gravura se cansasse, foi reproduzida em zinco gravura na oficina de Pires Marinho, de Lisboa; no *Catálogo* da 3.ª exposição da Escola em 1906 (2) já o emblema aparece com a assinatura de «P. M. g.ª». A gravura apresenta ao centro um capitel coríntio sobre o qual brilha uma estrela de 5 pontas e a legenda «Eschola Livre das Artes do Desenho»; aos lados do capitel e por baixo, envolvidos em ramos de loiro, uma palheta com pincéis, um malho, um compasso, uma régua, uma máscara e um rolo de papel.

69 — Gravura de $0,037 \times 0,031$ que julgo ser qualquer emblema. Representa uma pequena prensa sobre uma mesa; dum lado, tinteiro antigo com pena de pato; do outro, encostado, um livro fechado com lombada com ferros; na mesa, mais livros e folhas

(1) 8.º de 13 págs. impresso na Tipografia de Manuel Caetano da Silva.

(2) 8.º de 19 págs. com gravuras, impresso na mesma casa supra citada.

de papel e, caída em frente, uma folha com a data de «1880». Sem assinaturas. Desenho, porém, de A. A. Gonçalves. Ignoro para que se destinava; aparece, porém, no n.º 31 de *O Auxiliar d'Escritório* correspondente a Abril de 1882, na 4.ª pág., a preencher um espaço branco; a data de 1880 foi tirada e em seu lugar e em caracteres de imprensa estão as letras M. C. S. iniciais do proprietário de casa.

70 — Fachada da casa da Tipografia Auxiliar de Escritório, com a figura de Gutemberg a sair ao lado, dum clarão. Mede $0,085 \times 0,052$. À esquerda a figura do inventor surge junto dum prelo primitivo, no meio do clarão; à direita visto do norte o prédio n.º 11 da Praça do Comércio, no qual se lê o letreiro da Tipografia; na orla, a começar da esquerda, pela parte superior e na direita a envolver uma palma, há uma fita em que estão gravadas as palavras: *Papéis impressos — Impressões em vários géneros — Bilhetes — Facturas — Etc.* Não há indicação do desenhista; é possível que fosse o próprio gravador se não foi, em parte, António A. Gonçalves. Parece que apareceu, pela primeira vez, no n.º 31 (5.º ano) de *O Auxiliar de Escritório*, correspondente a Abril de 1882 e continua a aparecer nos números seguintes. Actualmente esta gravura (que pertence à Tipografia Lousanense de H. Ribeiro dos Santos) está cortada sensivelmente a meio e a parte que tem a figura de Gutemberg serve para ilustrar os catálogos ou alguns anúncios da casa.

71 — *Gutemberg*. Oval com o retrato vulgar do inventor da Tipografia, encostado a uma prensa primitiva e rodeada de livros fechados e abertos. Mede $0,080 \times 0,059$. Sem indicação do desenhista, naturalmente o gravador que, como tal, também não assinou. Aparece no n.º 35 (5.º ano) de *O Auxiliar de Escritório* já cit. de Setembro de 1882.

72 — *D. Pedro de Alfarrobeira*. Rosto de três quartos à direita para onde olha; de gorro e colar encanudado. Desenho de António A. Gonçalves que assinou «Giz.» e um traço curvo por cima. O gravador com «A. Silva» no fundo direito. Mede $0,106 \times 0,43$. Não sei para que foi destinada; conheço-a apenas do *Jornal para todos* de Coimbra

onde foi publicada como retrato do Infante D. Pedro, possivelmente com algum anacronismo de indumentária no n.º 6 de 10 de Agosto de 1889, 1.ª página, mas já com a assinatura do gravador reduzida apenas a «A. S.» como acontece com outras.

73—Gravuras de $0,057 \times 0,051$ que apresenta um velho sentado, a ler, numa prisão; há em cima, à direita, como emblema, uma lança e uma espada cruzadas. Sem indicação de desenhista, mas com todo o aspecto de ser de A. A. Gonçalves. Ignoro para que foi feita. Encontro-a no *Almanach de Curiosidades para 1891* já cit.º, a pág. 28, acompanhada pelo soneto *Os dois Infantes*, alusivo ao episódio da prisão do Infante D. Fernando em Tânger.

74—*Cruzeiro*. Gravura de $0,054 \times 0,153$, sem indicação do desenhista. Assinada por «Silva» com traço curvo por cima. Representa um cruzeiro de pedra género irlandês; não sei para que obra ou artigo de revista foi destinado. Trabalho muito cuidado. Conheço-a da colecção de desenhos e gravuras que pertenceu a João Caetano da Silva Pinto, irmão do gravador, hoje guardada no Museu Machado de Castro.

75—*Faianças*. Gravura de $0,126 \times 0,105$, sem indicação do desenhista. Assinatura de «Silva» com traço curvo por cima, como na anterior. Ignoro, também, o destino. São oito peças de faiança, género oriental; como a antecedente, trabalho cuidado. Conheço-a da colecção cit.ª do Museu de Machado de Castro.

76—*Taça ornamental*. Gravura de $0,065 \times 0,113$, também sem assinatura de desenhista. O gravador assinou com o mesmo «Silva» e traço curvo por baixo. Representa uma grande taça formada de folhas de acanto, assente sobre uma tripode muito ornamentada com pés de garras; dentro da taça vê-se uma estatueta de Judite com a cabeça de Holofernes suspensa da mão esquerda e com um gládio na mão direita. Ignoro, igualmente para que foi feita. É trabalho cuidado e está na colecção cit.ª do Museu de Machado de Castro.

77—Pequena gravura cujo destino ignoro; possivelmente feita para participações fúnebres mandadas

imprimir na casa. Mede $0,054 \times 0,55$. Uma rapariga está ajoelhada, a chorar, ao pé duma campa raza de cemitério; ao fundo uma árvore quase seca e duas cruzes de pedra. Não tem assinaturas.

78—*Máquina de costura*. Gravura de $0,038 \times 0,051$, sem qualquer assinatura. Máquina da época, movida a pedais. Vem aqui mencionada porque na colecção cit.^a de João Caetano da Silva (no Museu de Machado de Castro) está colada ao pé de outras do gravador e tem escrito, no canto direito, por mão do coleccionador, o nome «Silva» com traço curvo por cima, como fazia o artista. Parece que o irmão quis autenticar esta (como outra que mencionarei) já que o gravador o não fez. Foi possivelmente destinada a um anúncio da casa de máquinas e acessórios de Vitorino Henriques Lebre, na rua da Calçada (hoje de Ferreira Borges) n.^{os} 108-110, que encontrei no jornal *O Partido do Povo* (1) nos n.^{os} 2 e 3 de Fevereiro, nos n.^{os} 13 a 15 de Maio e n.^{os} 17 a 20 de Junho do ano de 1878.

79— Gravura emblemática de $0,034 \times 0,046$ sem assinaturas. O desenho parece ser de A. A. Gonçalves. Uma cruz sobre base redonda, tem, à volta, uma armadura medieval, com o elmo e escudo; há também, pendurada uma espada e encostadas uma lança, uma acha de armas e uma maça. Ao longe, vagamente, uma torre. Ignoro o destino.

80—Vendedor de jornais. Gravura de $0,055 \times 0,043$, sem assinaturas. Um rapaz descalço, com um maço de jornais na mão direita, agita com a esquerda um outro e parece gritar. Foi usada em várias publicações da casa.

81 (2)—*S. Jorge*. Sem assinaturas. Contudo, na colecção de desenhos e gravuras do Museu de

(1) Bi-semanário democrático de Coimbra, dirigido pelo Dr. Manuel Emídio Garcia, Professor de Direito na Universidade.

(2) As gravuras que se seguem foram destinadas a registos de santos, de várias invocações, de que a Tipografia Auxiliar de Escritório fazia larga distribuição. É possível que houvesse mais algumas espécies, hoje difícil de reunir depois da dispersão do material.

Machado de Castro já cit.^a esta, assim como a antecedente, tem escrito, por mão do colecionador o nome «Silva» imitando a assinatura usual do artista, bem como a indicação de que foi desenhada por Manuel de Macedo—e na verdade o desenho é característico desse infatigável e conhecido ilustrador. Mede $0,083 \times 0,107$. Representa o santo a cavalo, a subjugar o dragão com a lança, em atitude extática perante uns raios luminosos que descem do alto. Ao fundo, uma muralha ameaçada sobre a qual sobressai uma torre com bandeira desfaldada.

82 — *Santa Eufémia*. Também sem assinaturas, mas como a anterior desenhada por A. A. Gonçalves. Mede $0,099 \times 0,138$. A santa, em pé, com o livro na mão esquerda e a palma na direita, está entre dois leões, um deitado, outro em pé; por sobre a cabeça, quatro anjos. Gravura com várias indecisões de técnica.

83 — *Santa Eufémia*. Gravura idêntica à anterior mas mais perfeita. Sem assinaturas; o desenho, porém, é de A. A. Gonçalves. Mede $0,100 \times 0,138$. A figura da santa na mesma atitude da da antecedente, acompanhada dos dois leões e com os mesmos 4 anjos. A mais, uma coroa fechada na cabeça.

84 — A Virgem coroada com o menino ao colo. Gravura de $0,065 \times 0,092$ que servia para muitas e variadas invocações da Virgem Maria: S.^a da Saude, S.^a da Estrela, das Virtudes, dos Prazeres, do Livramento, de Guadalupe, etc., etc. A figura da Senhora, erecta, com manto largo e em pregas, tem na mão direita um ramo e no braço esquerdo o menino, coroado e com o mundo na mão esquerda. Não tem assinaturas e não afirmo de quem é o desenho.

85 — A Virgem coroada com o menino ao colo. Mede $0,068 \times 0,097$. Atitude igual à da figura anterior; a indumentária é que difere um pouco. Sem assinaturas, mas o desenho parece ser de A. A. Gonçalves. Servia também para várias invocações. Em 1891 fiz eu um tracejado adequado para segunda impressão desta gravura que foi aplicado, com certo resultado, em vários registos.

86 — *S. Lourenço*. Gravura de $0,084 \times 0,126$, sem assinaturas. O desenhista é, presumivelmente o já citado artista Francisco António dos Santos. Apresenta o santo sentado sobre a grelha em fogo, recebendo um foco de luz lançado por uma pomba; ao lado um carrasco, em atitude feroz, puxa por uma corrente grossa ligada à algema do pé esquerdo do mártir. Conjunto curioso.

87 — Bispo, mitrado, com báculo na mão esquerda e com o braço direito em atitude de abençoar. Mede $0,066 \times 0,110$ e não tem assinaturas. Nos registos da casa era aplicado a S. Amaro, S. Bento, S. Braz, S. Geraldo, S. Lázaro, S. Luís bispo, Santo Ovídio, etc.

88 — *São Tomé*. Gravura de $0,041 \times 0,098$, sem assinaturas. Mau desenho e trabalho, certamente, dos primeiros do artista. O santo está vestido de batina e capa de grandes pregas, chapéu de dois bicos com plumas; uma lança na mão esquerda e um livro aberto na direita, barba crescida e bigode farto.

89 — Ermitão, gravura talvez feita para registo de Santo Antão que, aliás, não encontrei nas várias colecções consultadas. Apresenta um velho de grandes barbas brancas, apoiado a uma muleta, na direita e um rosário na mão esquerda. Mede $0,069 \times 0,089$.

Coimbra: Abril de 1949

BELISÁRIO PIMENTA